Entrevista: “Só uma democracia radical pode pôr fim à violência no Oriente Médio” | Judith Butler

18/10/2023

“Não se pode duvidar da minha dor. Mas se eu tivesse que ficar na minha indignação de **judia** sem ver a devastação que **Gaza** sofreu, não conseguiria compreender o quadro completo.”

obra feita pelo artista britânico Banksy em Belém, na Palestina, como crítica a ocupação israelense na região.

Judith Butler tem um tom pacato e a voz baixa, o poder da mensagem está nas palavras e nos gestos.

Estamos na Universidade de Bari onde ela está para receber, pela primeira vez na **Itália**, o doutorado *honoris causa* em **Estudos de Gênero**.

Durante a cerimônia, a filósofa estadunidense, que entre seus muitos livros publicou *A força da não violência: um vínculo ético-político*, falará de “imaginação além do medo e da destruição”. Uma *lectio magistralis* que não dá descontos a ninguém: do governo italiano ao regime russo, até a Igreja católica, existe uma frente global que transformou o “gênero” de um instrumento de análise crítica e libertação num “fantasma” em torno do qual catalisar os principais medos do mundo contemporâneo. Vamos falar com ela sobre a situação no **Oriente Médio**.

A entrevista é de **Giansandro Merli**, com colaboração de **Roberta Martino**, publicada por Il Manifesto, 17-10-2023. A tradução é de **Luisa Rabolini**.

Entrevista:

Quando um evento cria um choque tão grande que fica evidente que haverá um antes e um depois – o 11 de Setembro de 2001, a invasão russa da Ucrânia ou o recente ataque do Hamas –, parece que cada um seja chamado a escolher um lado. A reconstrução da história e do contexto é julgada uma inutilidade ou até mesmo uma traição. Esse tipo de presentismo é um dever ou um perigo?

Devemos condenar publicamente a **violência contra os israelenses que ocorreu em 7 de outubro** e perpetrada pelo **Hamas**. Mas devemos também nos questionar se isso é tudo o que deve ser condenado. Estamos chocados com o fato de crianças, idosos e civis indefesos terem sido mortos. Mas também estamos chocados pelas décadas em que **Israel** bombardeou casas, escolas e hospitais em **Gaza**? Sabemos que **Israel** diz: são escudos humanos, usados ??para proteger instalações militares. Mas temos os **números das crianças mortas em Gaza**. São milhares. Vimos pessoas mortas e casas destruídas por bombardeios.

Devemos nos perguntar por que a nossa indignação está reservada aos civis israelenses. Eu sou **judia** e quando judeus são mortos meu coração se parte. Quando ouço que este foi o ataque mais grave a qualquer grupo de judeus desde a Segunda Guerra Mundial, fico horrorizada. Não se pode duvidar da minha dor. Mas se eu tivesse que ficar dentro da minha indignação de **judia** sem ver a devastação que **Gaza** sofreu, restringiria a minha visão e não conseguiria compreender o quadro completo.

Se não quisermos mais assistir a tais violências, devemos nos perguntar o que é preciso fazer para eliminá-las para sempre. A resposta não é o extermínio dos habitantes de **Gaza** ou a sua expulsão do **Egito**, como pensam alguns líderes de **Israel**. A resposta é libertar os **palestinos** da ocupação e encontrar uma forma de coabitação política que permita às pessoas, a todas as pessoas, viver com igualdade, liberdade e justiça. Só uma solução de democracia radical poderá pôr fim à violência.

Traçar a sua história é um exercício teórico ou serve para encontrar tal solução?

Devemos aprender a história de **Gaza**. Quando foi construída? Quem foi colocado lá contra sua vontade? Onde vivia antes? O que sabemos sobre sua expulsão e sobre a ocupação? E mais ainda: como o **Hamas** foi formado? Quando? Sabemos quantos palestinos o apoiam? Conhecemos as diferenças entre as alas política e militar do **Hamas**? Isso não é teoria, é história, é sociologia. É política.

Precisamos conhecer toda a história, de ambos os lados, incluindo a colonização dos **israelenses** naquelas terras e a expropriação dos **palestinos** enquanto os judeus procuravam um refúgio. O conhecimento dessa história é necessário para ter uma visão suficientemente ampla para levar a uma paz definitiva.

O que significa o ataque do Hamas, com aquele tipo de violência e de projeto político, para os movimentos de esquerda que apoiam a causa palestina em todo o mundo?

A esquerda deve condenar as táticas do **Hamas**. Eu nunca as defenderia. Mas estou interessada em saber como eles chegaram lá. A condenação e a compreensão histórica não são contraditórias. É preciso entender não para desculpá-las, mas para encontrar uma maneira de superá-las. Em geral, os movimentos de esquerda que apoiam os **palestinos** deveriam insistir na luta não violenta. Um problema é que mesmo aqueles de nós que apoiam o movimento pelo “boicote, desinvestimento e sanções” são chamados de terrorista.

A violência dos oprimidos é igual à dos opressores?

Não, mas ambas estão erradas. É claro que é diferente subjugar os povos ou rebelar-se.

Por exemplo, o **New York Times** **define o Hamas como uma organização terrorista**. Em vez disso, eles se veem envolvidos na luta armada contra uma ocupação. O Estado de **Israel** sente-se empenhado numa legítima defesa. Podemos nos perguntar se essa autodefesa funciona por vezes como um veículo para o roubo da terra ou a prisão de civis **palestinos** que não representam uma ameaça para ninguém? Aceitamos que o **Hamas** esteja envolvido numa luta armada como outras, como na **África do Sul** por exemplo? Aceitamos que **Israel** opera apenas em legítima defesa ou é também uma potência militar agressiva que procura manter os **palestinos** numa subjugação permanente? Temos que nos questionar sobre essas formas de descrever a violência.

São questões importantes. Espero que seja possível discuti-las publicamente para melhor compreender a situação. Receio que reagimos rapidamente demais ou aceitamos a linguagem dos meios de comunicação sem uma compreensão crítica sobre a origem de tal linguagem.

Na representação que aquela linguagem produz, defender Israel significa defender a democracia ocidental contra os bárbaros. Concorda?

Não. Não há dúvida de que a violência do **Hamas** seja horrível, mas os pedidos dos **palestinos** por liberdade e justiça são coisas diferentes. É extremamente importante e legítimo o desejo de viver em uma democracia, com direitos políticos. Não acredito que possa útil chamar aquelas pessoas de “animais” ou “bárbaros”. Serve apenas para fazer uma sua caricatura essencialista e racista.

E não creio que **Israel** represente a melhor versão de democracia. É um estado baseado numa ocupação violenta. Em expulsões violentas. Despojou pessoas de seus direitos para produzir a sua democracia. O que significa democracia baseada na negação dos direitos? Que é uma democracia para alguns e não para todos. Que aos não cidadãos cabe uma desigualdade radical.

Não é a versão de democracia que quero defender. Tenho grandes esperanças na democracia e espero para vê-la na região. Mas não creio que isso já tenha acontecido ainda.

Quando a guerra irrompe, todo o resto fica em segundo plano. Não é a hora do feminismo ou o feminismo também pode desempenhar um papel em tal momento?

O movimento feminista contra a guerra, a violência estatal e a luta armada é extremamente importante. Vimos isso nos **Balcãs**, na **Turquia**, na **África do Sul** e na **América Latina**, onde existem movimentos enormes para a democracia e contra a violência. *Ni Una Menos* ou as lutas indígenas não estão envolvidas na luta armada, mas em mobilizações de massas que lutam para estender a democracia para toda a população. Na antiga **Jugoslávia** as “mulheres de preto” eram contra a violência, toda violência, sérvia ou croata.

Temos muito que aprender dos movimentos feministas porque refletiram por décadas sobre a violência em todos os níveis, seja ela de parte do Estado, da polícia ou da família.

A não violência é possível durante uma guerra?

Não, mas isso não é motivo para renunciar a afirmá-la. Às vezes afirmamos o impossível. Alguém tem que fazer isso. Caso contrário, todos nos tornaremos guerreiros, aceitaremos a *realpolitik*. É possível que as pessoas nos considerem louca. Até mesmo ingênua ou idealista. Vamos deixar que pensem o que quiserem.

Via Instituto Humanitas Unisinos

Compartilhe nas redes: